

A CONTRIBUIÇÃO DA IMPERATRIZ LEOPOLDINA À FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA (1817-1826)

Arilda Ines Miranda Ribeiro – UNESP/Presidente Prudente

A necessidade de se reescrever a história

Durante muitos anos os historiadores se debruçaram apenas na chamada “História Oficial”, ou seja, aquela em que enaltece os qualificativos dos homens que estiveram em evidência nas guerras, na política, na área pública. A mulher e suas realizações, ao contrário, ficaram ausentes dessas narrativas.¹

No Brasil, apenas nos últimos anos foram iniciadas pesquisas que incluíram as mulheres no campo da historiografia.² A recente inclusão da presença feminina tem possibilitado um alargamento do próprio discurso historiográfico brasileiro, até então estritamente estruturado para pensar o sujeito universal, ou ainda, as ações do individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas.

Para este texto, resultados de interpretações iniciais de um pós-doutoramento realizado em 2004 no Centro de Memória da Unicamp sobre a Imperatriz Leopoldina, propomos enunciar alguns achados, aparentemente óbvios para historiadores especialistas no tema, mas novidade para historiadores em educação sobre sua contribuição à formação da cultura brasileira.

Os livros didáticos sobre a História do Brasil, costumam atribuir à D.João VI, a D.Pedro I e a D.Pedro II, a introdução da cultura e da educação laica no Brasil. No entanto, durante o período de 1817 a 1826, o Brasil contou com a contribuição da Arquiduquesa da

¹ Taunay, A. O enclaustramento das mulheres. *Annaes do Museu Paulista.*, 1:320,1922. Esses homens figurariam nessas narrativas oficiais como “monumentos”, no sentido atribuído a eles por Le Goff, J. *As mentalidades – uma história ambígua.* In: *Novos Objetos.* Rio,Francisco Alves, 1976.

² Por razões de espaço não é possível registrar aqui a literatura a que nos referimos. No entanto, podemos citar o trabalho de Rago, M. *As mulheres na Historiografia Brasileira.* In: Silva, Z.L. *Cultura histórica em debate.* S.Paulo,Edunesp,1995. O que une esses estudos, deixando de lado as inúmeras diferenças metodológicas, é a reconstrução da presença das mulheres nas narrativas históricas como agentes de transformação. Ver também trabalho da autora desse texto: RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *A educação feminina durante o século XIX: O Colégio Florence de Campinas (1863-1889).* Campinas: CMU/Unicamp, 1996 e *A educação da Mulher no Brasil-Colônia.* São Paulo:Arte& Ciência, 1997.

Áustria, a futura Imperatriz Leopoldina e sua influência na formação da cultura e da educação científica brasileira do início do século XIX. Essa omissão é facilmente explicitada, se considerarmos a construção social do papel atribuído ao gênero feminino, que deveria ter como finalidade o cuidado com o marido e os filhos. Sua atuação deveria ficar, nesse sentido, limitada à esfera doméstica.³

Grande parte dos brasileiros possui em sua memória lembranças da Imperatriz Leopoldina como esposa de D.Pedro I: “loira, feia, rechonchuda e repleta de filhos”. Graças à construção social criada pelos livros, desenhos, pinturas e filmes, sua imagem, infelizmente, opaca, está intimamente ligada ao “fogoso” Imperador D.Pedro I e da sua amante Domitila de Castro (Marquesa de Santos). Ambos, ao contrário de Leopoldina, são descritos como personagens brilhantes, corajosos e muito espertos.⁴ Vários são os romances e estudos biográficos relativos aos nove anos em que Leopoldina viveu no Brasil. Geralmente detendo-se em detalhes da sua triste convivência, nos últimos quatro anos de sua vida, como mulher traída, de poucos atributos físicos. Nesses romances, sua vida é dividida em duas fases: a primeira, compartilhada com D.Pedro I, transbordante de amor e a segunda, após a partida do sogro solidário D.João VI, quando D.Pedro conhece Domitila, morre de amores por ela e transforma a vida da Imperatriz em um verdadeiro inferno.⁵ Mesmo seu papel como regente no momento da proclamação da Independência do Brasil carece de bons estudos.

Esse texto tem como objetivo trazer à tona pinceladas do desempenho da Imperatriz Leopoldina como condutora de um processo abrangente de transposição de

³ O aumento sobre a produção feminina tem relação com o avanço sobre as discussões sobre a questão de Gênero. De acordo com Scott, Gênero é a organização social da diferença sexual. Não sobre as questões corporais, mas sobre o saber que estabelece os significados para as diferenças corporais. Scott, J. Prefácio à *Gender and Politics of History. Cadernos Pagú*. Campinas, m.3, p.10-23, 1994.

⁴ Destacam-se entre eles: NORTON, L. *A Corte de Portugal no Brasil*. S. Paulo, Nacional, 1938. ARANHA, M. A bibliografia oficial sobre D.Pedro I e conseqüentemente sobre D.Leopoldina é muito extensa. Entre Amélia A.B.de Souza. *A arquiduesa D.Leopoldina, I Imperatriz do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Genealógico Brasileiro, 1985. BEZERRA, A. A vida doméstica da Imperatriz Leopoldina. In: *Arquivo Nacional*, vol.XXVI, Rio de Janeiro, 1926. Souza, O.T. *A vida de D.Pedro I* S.Paulo,USP, 1985.

⁵ Alguns romances que tratam da paixão de Leopoldina por Pedro I: Moll, V. *Meu adorado Pedro*. S.Paulo, Bom texto, 2004. Sant’Anna, S. *Leopoldina & Pedro I: a vida privada na corte*. Rio, Zahar, 2004, Kaiser, G. *Dona Leopoldina: uma habsburg no trono brasileiro*. (4ª.ed.) Rio, Nova Fronteira, 1994

conhecimentos do mundo europeu, através da sua chegada ao Brasil com a missão científica austríaca.

Nesse sentido a reconstrução da memória de Leopoldina é objeto de poucos estudos específicos. Com exceção de Carlos Oberacker Jr, autor que mais se debruçou até hoje, na intimidade e no cotidiano da imperatriz, a produção dos autores brasileiros é, de modo geral atraente, mas ainda superficial.⁶

Reconstruir a memória é fundamental, como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Segundo Von Simson⁷ a “Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.)” Nesse sentido, a carta é uma fonte de pesquisa que contribui como suporte textual.

As correspondências de Leopoldina, ainda em fase de análise na presente pesquisa, se apresentam como instrumento valioso de pesquisa, pois é o narrador que sozinho manipula os meios de registros. É ele também que, por motivos pessoais, se dispõe a narrar sua existência, fixar suas recordações, dar-lhes o encaminhamento que melhor lhe parecer.

Sua educação: O gosto pelas ciências, motivo para a vinda ao Brasil

Nascida em Viena, filha de Francisco I da Áustria e de Maria Thereza de Nápolis e Cicília, Leopoldina teve uma infância foi alegre. Foi preservada dos perigos do cenário político internacional decorrente da Revolução Francesa e da morte Maria Antonieta, tia do seu pai Francisco. A ela e aos seus irmãos foi dada uma educação disciplinada, para

⁶ Oberacker Jr, C. sem sombra de dúvida é referência para quem estuda Leopoldina. Sua extensa obra *A imperatriz Leopoldina: sua vida e sua época*. Rio, Conselho Federal de Cultura, 1973 contém uma narrativa minuciosa de sua intimidade, genealogia, educação, casamento, etc. baseado em cartas escritas para seus familiares e amigos. Anterior a esse trabalho, *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio, Presença, 1968 Oberacker dedica um capítulo sobre o papel da Imperatriz nas lutas pela independência do Estado Brasileiro.

⁷ Von SIMSOM, O.R. de M. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do esquecimento. In: FARIA FILHO, L. M. *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a História da Educação*. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Bragança Paulista, São Paulo: UnSF, 2000. (Coleção Memória da Educação).

um futuro grandioso. Ensinavam às arquiduchessas, além da rígida etiqueta da corte, diversas línguas faladas na monarquia. Estudavam ainda história, geografia, estatística, legislação e noções do governo. Eram educadas na religião católica, tementes a Deus e incutiam-lhes o dever de casar para o bem da casa real dos Habsburgo.⁸ Seu pai era amante da botânica e da vida simples. Casou-se quatro vezes, tendo filhos apenas com a segunda esposa, Maria Teresa, filha de Ferdinando IV, rei de Nápoles e das duas Sicílias. Viveram felizes em pequenos serviços campestres nas granjas existentes no Parque de Laxenburg, esquecendo-se de sua condição de nascimento. O Imperador não gostava de grandes festas, preferindo viver na intimidade. Esse espírito simplório seria herdado por sua filha Leopoldina, anos mais tarde.

Para divertimento das princesas, era-lhes permitido o cultivo de flores, o cuidado de pássaros solitários nas gaiolas, e vez por outra, um piquenique campestre com a filha da governanta.

Leopoldina acreditava que não iria se casar. Seu mundo lhe bastava. Era bastante envolvida, assim como Francisco I, em estudos sobre botânica, fauna e minerais. O pai, observando o pendor da arquiduchessa por essas áreas do conhecimento, certa vez lhe disse que se não se casasse, dar-lhe-ia um emprego na Corte Vienense.

Sem dúvida as ocupações com as ciências naturais e a leitura dos livros dos viajantes mundiais que estavam tão bem representados na Biblioteca de Leopoldina, teriam despertado esses desejos tão estranho para uma moça daquela época. Prantner afirma :

“quando o marques de Marialva visitou pela primeira vez a arquiduchessa encontrou-a rodeada de mapas do Brasil e de livros que contém a história deste reino.”⁹

A vinda de Leopoldina para o Brasil e da Missão Científica Austríaca.

⁸ ARANHA, M. A.B.de S. *A arquiduchessa D.Leopoldina, I Imperatriz do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Genealógico Brasileiro, 1985. p.17

⁹ PRANTNER, J. *Imperatriz Leopoldina do Brasil: a contribuição da casa Habsburg-Lothringen e da cultura austríaca ao desenvolvimento do Brasil durante a Monarquia no século XIX*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p.163

Leopoldina partiu para o Brasil com 42 caixas do tamanho de um indivíduo, contendo o seu enxoval, sua biblioteca, suas coleções e os presentes para a casa real. Segundo Oberacker ¹⁰, na comitiva particular, além das três damas, um secretário particular, o seu bibliotecário e mineralogista Roque Schuch, seu médico João Kammerlacher que também era naturalista, o professor de pintura de Leopoldina e pintor de flores, plantas e paisagens, Frick e ainda Franz J.Frubeck, pintor e auxiliar do dr.Schuch. Somente essa comitiva já seria uma grande contribuição para o início de uma formação cultural.

Além disso, Karl von Schreibers, diretor do Museu de História Natural em Viena, recebeu ordens do Chanceler Metternich de preparar uma missão de notáveis cientistas que acompanhariam dona Leopoldina. Escolheram o professor João Cristiano Mikan, botânico de Praga, com chefe da missão, o médico dr.João Emanuel Pohl, botânico e mineralogista, João Natterer, zoólogo do Museu de História Natural, Thomas Ender, paisagista, João Buchberger, pintor de plantas e flores, o jardineiro Henrique Guilherme Schott e o caçador imperial Domingos Sochor.

Thomas Ender, por exemplo, foi pintor, aquarelista e gravador nascido em Viena, veio jovem para o Brasil, com apenas 24 anos. Ender ficou no Brasil por 10 meses e neste curto período fez mais de 600 desenhos representando a iconografia do Rio de Janeiro, que permaneceram esquecidos na Áustria até 1950.

Também a Corte da Baviera aproveitou segundo Prantner a ocasião para realizar um antigo projeto, destacando os naturalistas Karl Friendrick Von Martius, que se destacou pela magistral obra "Flora Brasiliensis", de 40 volumes e no qual trabalhou até o final de sua vida. Até a Toscana, terra de sua avó materna resolveu acrescentar a esta ilustre comitiva de dona Leopoldina um cientista, o botânico Giuseppe Raddi.

Sem dúvida, esta foi a maior expedição científica que jamais visitou o Brasil. Sustenta-se a idéia de que fora por iniciativa da própria Leopoldina, que se resolveu enviar com a princesa uma comissão de naturalistas e pintores. Outros afirmam que a idéia de

¹⁰ Op.cit. p.85

trazer essa comitiva partiu de Metternich, amigo pessoal de Humbolt que veio anteriormente para a América, mas não teve permissão para pesquisar o Brasil.

Naquela época sabia-se muito pouco sobre o Brasil na Europa. O fato é que o casamento do Imperador do Brasil com uma princesa germânica foi causa da vinda de tantos homens ilustres e abria-se a possibilidade da vinda de outros mais. Começava assim, através dessa união, a despertar o interesse dos alemães, principalmente dos intelectuais pela nova terra.¹¹

Dos livros, relatórios, glossários, diários de viagem, tratados de Botânica e Zoologia que surgiram desta exemplar e operosa missão científica, “podemos afirmar não só se revelou a maior parte da natureza brasileira, até então desconhecida como, a partir desse momento, foram introduzidos os modernos estudos de Sistemática e Taxionomia”¹²

A vida cotidiana da imperatriz no Palácio da Quinta da Boa Vista nos primeiros anos demonstra a sua educação e sua dedicação pela leitura. Lia todas as publicações novas no campo das ciências naturais, literatura, história, etc. que mandava vir por intermédio dos parentes ou do Marquês de Marialva.¹³ Pintava aquarelas, fazia descobertas com novas variedades de moluscos. Evidenciava grande paixão pelas orquídeas e pelas plantas florescentes, colecionando-as nos seus passeios diários na Floresta da Tijuca. Montando com destreza, à moda amazona, caçava e ajudava a taxidermizar aves e pequenos mamíferos. Tobias Monteiro, que consultou pessoalmente os arquivos em Viena, principalmente os documentos do 1º Reinado declarava que “a Imperatriz possuía paixão pela História Natural”.

Na Fazenda Imperial de Santa Cruz criou um completo posto zootécnico onde, animais domésticos eram criados cuidadosamente. Organizou a Biblioteca, nas salas

¹¹ FLEIUSS, M. A paladina da independência. In: *Páginas de história*. 2ª.ed. Rio de Janeiro:Imprensa Nacional, 1930. Esse trabalho contém detalhes interessantes não só da vida de D.Leopoldina, mas também da sua morte.

¹² LEONTSINIS, S. A Imperatriz Leopoldina e a História Natural do Brasil. In: In: *200 anos. Imperatriz Leopoldina*. Simpósio Comemorativo do Bicentenário de Nascimento da Imperatriz Leopoldina. Rio de Janeiro: IHGB, 1997. p.57-78.

¹³ MARIALVA, M. de. Correspondência diplomática no Arquivo do Ministério das Relações Exteriores do Brasil in: Norton, Luiz. *A Corte de Portugal no Brasil*. S. Paulo: Nacional, 1938. p.327.

do Paço da Boa Vista, em que avultavam obras de Mineralogia e Botânica adquiridas constantemente na Áustria, França e Inglaterra, como um gabinete DO Museu de História Natural. Também montou, junto com D.Pedro I, uma escola para soldados alemães aprenderem o português e participarem da proteção do Imperador. Essas tropas fiscalizadas diariamente por Leopoldina, auxiliaram D.Pedro durante a proclamação da República.

Seu professor de história natural era Rochus Schuch, que além de prestar constante orientação e sistematizar os estudos da imperatriz, foi bibliotecário e diretor desse mesmo Gabinete de História Natural de D.Leopoldina. ¹⁴

De sua correspondência com Maria Graham, na Inglaterra, podemos destacar três cartas onde à imperatriz demonstra seu gosto pela ciência: “Tereis a bondade, em Londres, de me obter os gêneros e espécies que faltam no catálogo de conchas que vos envio, comunicando-se os objetos de História Natural que quiserem do Brasil, para fazer permuta” (10.10.1824) ¹⁵ Um ano depois, escrevia a Graham perguntando sobre Willian Cary (1759-1825), fabricante de instrumentos matemáticos: “Se virdes o digno Cary, rogovos encomendar, em meu nome, uma balança minerológica para saber o peso das pedras preciosas.” (08.09.1825)

Incentivo à criação do Museu de História Nacional da antiga Casa dos Pássaros

Desde a sua chegada, em 1817, após verificar a pobreza de nossas condições científicas, assessorada pela Missão Científica que a acompanhou, procurou “dirigir a reorganização da extinta Casa dos Pássaros (Casa de História Natural)” ¹⁶

Até a vinda de Leopoldina para o Brasil nada se fez. Felizmente, a influência e o interesse da imperatriz Leopoldina, somados à grande repercussão da missão que a acompanhou, tiveram como resultado a participação de Tomas Antonio de Vilanova Portugal que, com argumentos poderosos, consegue redigir o decreto de 6 de junho de 1818, onde

¹⁴ Rochus Schuch casou-se mais tarde com Cecília Bors. Deste casamento, nasceu Guilherme Schuch, cientista que muito contribuiu no Brasil e obteve o título de Barão de Capanema. (Memórias do Arquivo Nacional, vol.5 e na Revista da Escola de Minas e Ouro Preto, 1922.)

¹⁵ Graham, M. Correspondências entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina. Trad.Américo J.Lacombe. Rio, Itatiaia, 1985.

¹⁶ Leontsinis, Op. Cit. p..62

se cria um Museu. Após várias reformas, abrigou o Museu Nacional até 1892, e a partir desta data, tornou-se a sede do Arquivo Nacional.

Lamentavelmente, desses primeiros tempos do Museu Nacional, quase nada ficou documentado com relação à Imperatriz Leopoldina e a sua contribuição.

Considerações finais

Encerramos nossas considerações sobre Leopoldina, afirmando que apesar de muitas obras escritas no período ou posteriores a elas, focalizarem-na, infelizmente, no seu cotidiano doméstico e nas intrigas do Palácio da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, seu papel foi mais além. Assumiu com firmeza e determinação, muito mais do que se esperava dos encargos de uma arquiduquesa da casa da Áustria, de princesa da casa de Bragança, ou, de imperatriz do Brasil, destacando-se como liderança em projetos de impulsos ao desenvolvimento da ciência, da cultura e de outras atividades, contribuindo sobremaneira para a formação da sociedade brasileira.